

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**ESTATUTO DE TROCA ENTRE PAZ E GUERRA: DESIGUALDADE E
INVISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES CINTA LARGAS
NO MUNICÍPIO DE JUÍNA-MT**

**Autora: Fatima Aparecida Magalhães Canezin
Orientadora: Profa. Dra. Elisabete Figueiroa dos Santos**

JUÍNA/2015

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**ESTATUTO DE TROCA ENTRE PAZ E GUERRA: DESIGUALDADE E
INVISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES CINTA LARGAS
NO MUNICÍPIO DE JUÍNA-MT**

**Autora: Fatima Aparecida Magalhães Canezin
Orientadora: Profa. Dra. Elisabete Figueiroa dos Santos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Psicologia, do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nadie Christina Machado Spence
Examinadora

Profa. Ma. Marina Silveira Lopes
Examinadora

Profa. Dra. Elisabete Figueroa dos Santos
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Por ocupar lugar de destaque na minha caminhada – Deus – que foi meu sustento e me deu coragem para questionar a realidade e propor sempre um novo olhar de possibilidades.

A minha Mãe que com sua dedicação e cuidado, me deu em todos os momentos, a esperança para seguir.

A meu Pai (*in Memoriam*), com quem aprendi a refletir e duvidar, e, assim, ver a vida de forma diferente.

Ao meu esposo com quem compartilho meus dias. Pelo carinho, paciência e sua capacidade de me trazer paz.

Aos meus filhos que embora não tivessem conhecimento disto, me iluminaram de maneira especial os meus pensamentos.

Agradeço às minhas orientadoras, pessoas admiráveis em todos os sentidos, que com suas competências conseguiram direcionar meus passos de uma maneira muito singular. Professoras que certamente vão povoar para sempre as minhas ideias e a minha vida.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e está próximo de mim, fazendo valer a pena viver.

Muito obrigada!

DEDICATÓRIA

O Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. À minha mãe, ao meu pai (*in memoriam*), à meu filho e ao meu esposo que tanto me apoiaram e me ajudaram.

RESUMO

Este trabalho assinala os principais fatores que demonstram a questão das mulheres Cinta Largas e a construção das relações de gênero. Assinalar a questão de gênero no contexto de uma sociedade coloca em destaque uma forma diferenciada de intervir na realidade social que considera o gênero uma das contradições básicas da sociedade. As relações tradicionais de gênero no âmbito dos povos indígenas sofreram diversas mudanças, em maior ou menor grau, devido a mobilidade indígena para os centros urbanos. A visibilidade do papel da mulher no contexto do universo indígena, as transformações na organização social demonstram a centralidade de gênero em diversas etnias. A pesquisa busca abordar a construção das relações de gênero face de invisibilidade social das mulheres indígenas Cinta Largas do Município de Juína-MT. Nosso intuito foi descrever os principais fatores sociais, econômicos e políticos que demonstram a invisibilidade da relação de gênero no processo social da etnia Cinta Larga; discutir os contextos que circundam a construção social; e, assim compreender como e de que forma a noção de gênero influencia enquanto construtor social e histórico. Buscando alcançar os objetivos específicos foram realizados estudos bibliográficos em livros e revistas especializadas.

Palavras Chave: Povo Cinta Larga, Relações de Gênero, Mulher Indígena.

ABSTRACT

This work points out the key factors that demonstrate the issue of women Cinta Largas and the construction of gender relations. Report the issue of gender in the context of a society highlights a different way to intervene in the social reality that considers gender one of the basic contradictions of society. Traditional gender relations in the context of indigenous peoples suffered several changes to a greater or lesser extent, due to indigenous mobility to urban centers. The visibility of the role of women in the context of indigenous universe, the changes in social organization demonstrate the centrality of gender in different ethnic groups. The survey seeks to address the construction of gender relations in the face of social invisibility of indigenous women in the Municipality of Cinta Largas Juína-MT. Our aim was to describe the main social, economic and political demonstrating the invisibility of gender relations in the social process of ethnicity Cinta Larga; discuss the contexts surrounding the social construction; and thus understand how and in what way the notion of gender as a social and historical influences builder. Seeking to achieve the specific objectives were carried out bibliographic research in books and journals.

Keyword: People Cinta Larga, Gender Relations, Indigenous Women.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CASAI	Casa de Saúde do Índio
CODEMAT	Companhia Desenvolvimento de Mato Grosso
COOPERJUINA	Cooperativa Agropecuária Mista de Juína
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística
SOPEMI	Sociedade de Pesquisa Minerais
SUDECO	Superintendência Desenvolvimento Centro Oeste
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Município de Júina	14
Figura 2 - Localização e dimensão da Reserva Cinta Larga.....	17

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados disponíveis sobre o povo Cinta Larga em livros e sites artigos acadêmicos	29
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	QUESTÃO DA PESQUISA	12
1.2	HIPÓTESES.....	12
1.3	OBJETIVOS.....	12
1.3.1	Objetivo Geral.....	12
1.3.2	Objetivos Específicos	13
1.4	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	13
1.5	JUSTIFICATIVA	13
2	REFERENCIAL.....	14
2.1	CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE JUÍNA.....	14
2.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA ETNIA CINTA LARGA.....	17
2.2.1	Organização Social	18
2.2.2	Poligamia	20
2.2.3	Socialização.....	21
2.2.4	Divisão do Trabalho	22
2.2.5	Cultura Material	23
2.3	GÊNERO.....	25
3	METODOLOGIA	28
3.1	CARÁTER DE PESQUISA	28
3.2	ESTRATÉGIA DE PESQUISA.....	28
3.3	INFORMAÇÕES DE DADOS	29
3.4	PROCEDIMENTOS.....	30
3.5	DESCRIÇÃO GERAL DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS	31
3.6	LIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	31
4	ANÁLISE E RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Assinalar a questão de gênero no contexto de uma sociedade coloca em destaque uma forma diferenciada de intervir na realidade social que considera o gênero uma das contradições básicas da sociedade. Essas contradições históricas e localizadas são processo de arguição de sujeitos constituídos por gênero, classe e raça/etnia. Equivale a dizer que os sujeitos se constituem socialmente, ou seja, são forjados através das relações sociais, não apenas o sujeito coletivo, mas também o sujeito individual, não é senão a história de suas relações sociais. (SAFFIOTI, 2004).

As relações tradicionais de gênero no âmbito dos povos indígenas sofreram diversas mudanças, em maior ou menor grau, devido à mobilidade indígena para os centros urbanos. A visibilidade do papel da mulher no contexto do universo indígena, as transformações na organização social demonstram a centralidade de gênero em diversas etnias.

No âmbito dos povos Cinta Largas, desde criança, as mulheres são socializadas para se tornarem esposas, donas de casas e mães com base na gramática sexual ou do gênero. Por outro lado, os meninos são socializados para enfrentar o espaço público e se tornarem capazes de suprir as necessidades de suas famílias.

Não obstante a este contexto, argui ainda que todo o processo de colonização da etnia Cinta Larga, foi marcado por diversos conflitos não só de relações de gênero, mas com outros povos, dentre eles os garimpeiros, madeireiros, e os seringueiros, nos quais os índios vivenciaram muitas perdas, mas deram vida também a processos de resistência.

Os primeiros contatos com os Cinta Largas iniciaram a partir de 1960. Constatam-se relatos de uma nação de aproximadamente cinco mil índios desconhecidos trazendo em sua cintura um grande cinto de casca de árvore, a população branca deu-lhes o nome de origem cinta larga. (CHAPELLE, 1982).

Atualmente a população desta etnia está formada em Mato Grosso por aproximadamente 342 indígenas no Município de Juína e 369 em Aripuanã. Além disso, contabiliza-se 948 indígenas no Município de Cacoal, Estado de Rondônia. No total, somam 1659 indígenas. (SIASI, 2012).

Apesar de reconhecerem seu papel na cultura indígena, conhecer outras formas de viver fez com que as mulheres passassem a buscar também formas diferentes de convivência em sua própria cultura. Contudo, alguns desses processos colocam em evidência o lugar subalterno que a mulher Cinta Larga ocupa dentro de sua etnia. A partir dessa contextualização definimos como objeto abordar a invisibilidade e desigualdade de gênero das mulheres Cinta Largas no noroeste do Mato Grosso.

Este trabalho toma, portanto, como pressuposto que um dos fatores preponderantes para a efetivação da invisibilidade é a desigualdade de gênero e a interface entre sexo masculino e feminino.

Além da contextualização da etnia, o trabalho ainda versa sobre o histórico do Município, traça também uma contextualização teórica, além de perfilar a metodologia utilizada, finalizando com uma análise do contexto da invisibilidade da mulher indígena do povo Cinta Larga.

1.1 QUESTÃO DA PESQUISA

De que forma se explicita a invisibilidade e desigualdade de gênero das mulheres Cinta Largas, no noroeste do Mato Grosso?

1.2 HIPÓTESES

H1 - Um dos fatores preponderantes para a efetivação da invisibilidade é a desigualdade de gênero e a interface entre sexo masculino e feminino.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Descrever os principais fatores históricos, sociais e políticos que evidenciam a invisibilidade da relação de gênero no processo social da etnia Cinta Larga.

1.3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Realizar estudos de revisão bibliográfica através de pesquisa em livros e revistas especializadas.
- ✓ Analisar as evidências de como ocorre a dinâmica social das mulheres na sociedade indígena Cinta Larga.

1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Esse o trabalho se propõe a realizar uma pesquisa de caráter bibliográfico, tendo como método a revisão descritiva.

Já os artigos acadêmicos inclusos foram selecionados para análise devido ao fato de conterem indícios da nova filosofia de vida e das relações tradicionalmente desiguais em detrimento da mulher na população Cinta Larga. Vale ressaltar que tudo o que foi analisado dos registros tanto dos livros quanto dos artigos científicos foi feito sob o olhar da pesquisadora não indígena.

1.5 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho foi motivado devido à convivência de longos anos da autora enquanto profissional junto à CASAI – Casa de Saúde do Índio, como técnica de enfermagem. Assim sendo, a aproximação com os povos despertou o interesse em realizar a pesquisa sobre a questão das relações de gênero no seio da etnia Cinta Larga.

2 REFERENCIAL

2.1 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE JUÍNA

O Município de Juína deriva-se de nome de origem indígena, da etnia Pareci, de grafia “*zui-uína*”, que significa - Rio do gavião. Também há a possibilidade de originar da etnia Cinta Larga “*ju-hi-iña*”. A denominação Juína é referência geográfica ao Rio Juína-Mirim. (FERREIRA, 2001). Vide Fig. 1.

A região foi primeiramente habitada por povos das nações Cinta Largas, *Rikbatsa* e *Ena-wenê-nawê*. O território do município de Juína abriga duas enormes áreas indígenas e a população indígena é de 1008 indígenas e há ainda a Estação Ecológica Iquê-Juruena. (FERREIRA, 2001).

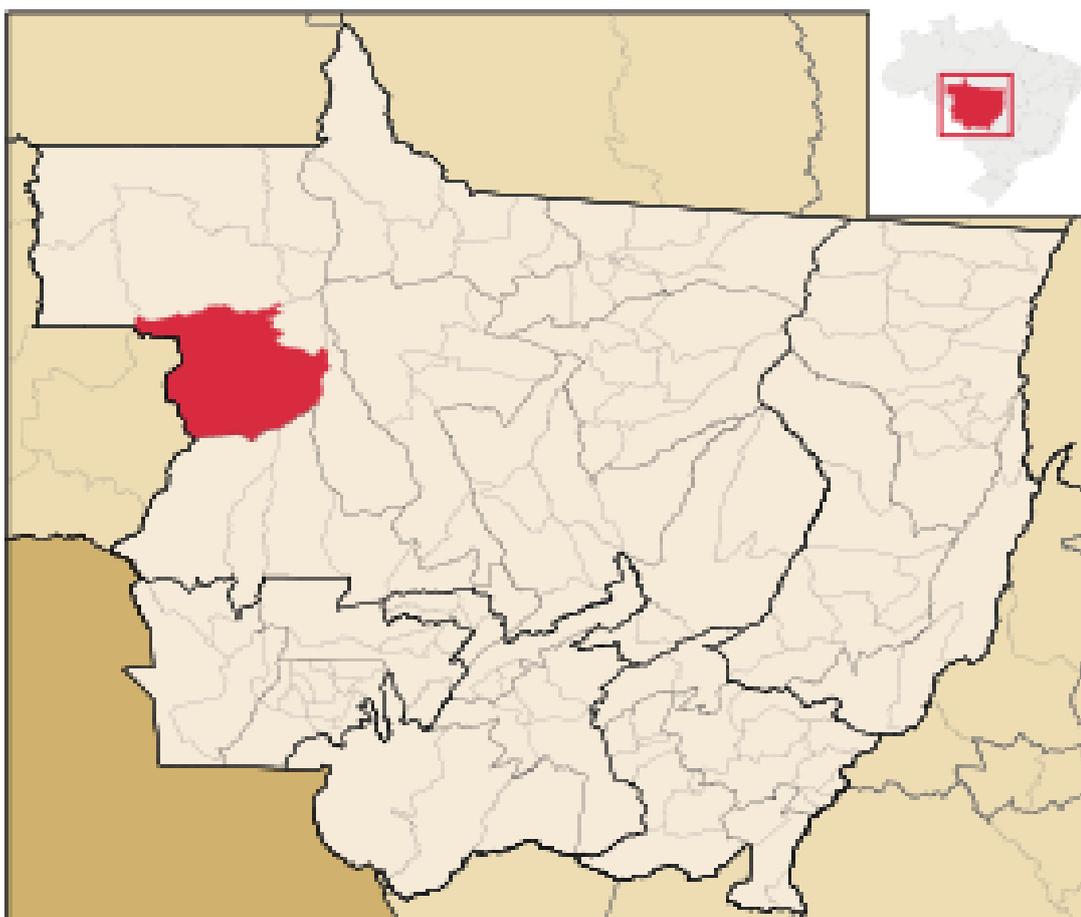


Figura 1 - Localização do Município de Juína
Fonte: WIKIPEDIA (2015, sp).

O início da povoação aconteceu através da construção da rodovia AR-1, que liga a cidade de Vilhena, no Estado de Rondônia à de Aripuanã, que na década de setenta era de difícil acesso, sendo conhecida por Terra Esquecida. Coube a CODEMAT – Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso a iniciativa do Projeto Juína, pensado inicialmente por um grupo de diretores e funcionários, juntamente com diretores da SUDECO – Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste.

A seguir, dois milhões de hectares foram vendidos, principalmente para ruralistas do sul do país. A prefeitura do Município de Aripuanã, para fins agrícolas, foi cedida 117 mil hec. Às margens do rio Juruena, tendo como referência a antiga vila de Fontanillas e mais 65 mil há as margens do rio Aripuanã.

A colonização de Juína começou a partir de 1978, quando inúmeras famílias, especialmente do Centro-Sul do País, migraram para esta região. Em 1976, os trabalhadores de construção da AR- I, estavam a todo vapor, salvo os problemas naturais de períodos de chuvas.

Em 23 de janeiro deste mesmo ano, ocorreu uma reunião no distrito de Fontanillas, às margens do Juruena, tendo como palco o hotel Fontanillas, que foi construído a mando do governador José Fragelli.

Deste encontro surgiu a ideia de se formalizar o Projeto Juína, que previa a implantação de uma cidade no meio da selva amazônica. Identificadas às terras de maior fertilidade, definiu-se a área do projeto com aproximadamente 411 mil hec. Na região do Alto Aripuanã e Juína-Mirim, do km180 a 280 da rodovia AR-1.

O projeto elaborado em 1977 teve sua aprovação pelo INCRA pelo da portaria nº 904, de 19 de setembro de 1978. O projeto original previa a divisão da cidade em módulos. Cada módulo tinha 35 hectares, incluindo ruas e projetos urbanísticos. Os lotes mediam 12x40mts. E depois passaram a 15x40mts. O projeto que resultou no surgimento de Juína, foi considerado o maior êxito de colonização na CODEMAT.

Em virtude do crescimento acelerado e acentuado, em 10 de junho de 1979, foi criado o distrito de Juína, com território jurisdicionado ao município de Aripuanã. Juína passou a município em 09 de maio de 1982, com área de quase 30 mil quilômetros quadrados, desmembrado do município de Aripuanã.

A instalação foi no dia 31 de janeiro, sendo primeiro prefeito eleito o professor Orlando Pereira. O setor agropecuário sofreu um duro golpe, pois a falta de operacionalidade da COORPERJUINA – Cooperativa Agropecuária Mista de Juína, que foi fundada em 1980 e no ano de 1988, contava com 2.335 associados, permitiu esta situação. Em 1988, foi criada a Delegacia Regional de Educação de Juína.

A sede do município situa-se nas coordenadas aproximadas de latitude, 11°22'42" sul e a uma longitude 58°44'28" oeste, estando a uma altitude de 442 metros. Sua localização é privilegiada considerando que é polo regional que inclui sete municípios da região.

Possui uma extensão territorial de 26.190 km², dos quais 60% pertencem à reserva indígena, e a área remanescente foram cortados em lotes e vendidos à população vinda das diferentes partes do país, principalmente dos Estados do Sul do Brasil. Os lotes foram distribuídos de acordo com a fertilidade das terras, sendo que os lotes mais próximos ao núcleo foram entregues aos pequenos agricultores e os lotes maiores e terras menos produtivas para desenvolvimento da pecuária industrial.

A emancipação política de Juína aconteceu no dia nove de maio de 1982, sendo eleito o seu primeiro prefeito o professor Orlando Pereira. Seus sucessores continuam, por vezes, buscando superar as dificuldades econômicas, sociais e culturais vivenciadas pela população juinense ao longo dos 30 anos de emancipação.

A população atual (IBGE, 2010) é de aproximadamente 39.255 habitantes distribuídos na zona rural e urbana. Seu clima é tropical com duas estações climáticas bem definidas - período das chuvas e período da seca.

A economia do município de Juína tem sofrido várias transformações, mas prevalece a exploração industrial extrativista e agropecuarista. Prioritariamente a economia se baseou no extrativismo vegetal - extração de madeiras nobres da região; extrativismo mineral com exploração de diamantes e agricultura de subsistência. A pecuária também tem grande importância no desenvolvimento econômico de Juína e região, com numeroso rebanho bovino.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ETNIA CINTA LARGA

Com a denominação Cinta Larga ou Cinturão Largo, confundiam-se, de início, diversos grupos que habitavam a região próxima à fronteira entre Rondônia e Mato Grosso, uma vez que todos usavam algum tipo de cinto e construíam malocas grandes e compridas. (SIASI, 2012).

Esse grupo Tupi tem na caça sua atividade central, e as festas, onde ela é consumida após complexo ritual, equacionam simbolicamente caça e guerra, revelando, em muito, aspectos da sociedade Cinta Larga e garantindo o equilíbrio do grupo. Equilíbrio este que nos últimos anos vem sendo profundamente abalado pela incidência de garimpeiros em suas terras. (SIASI, 2012).

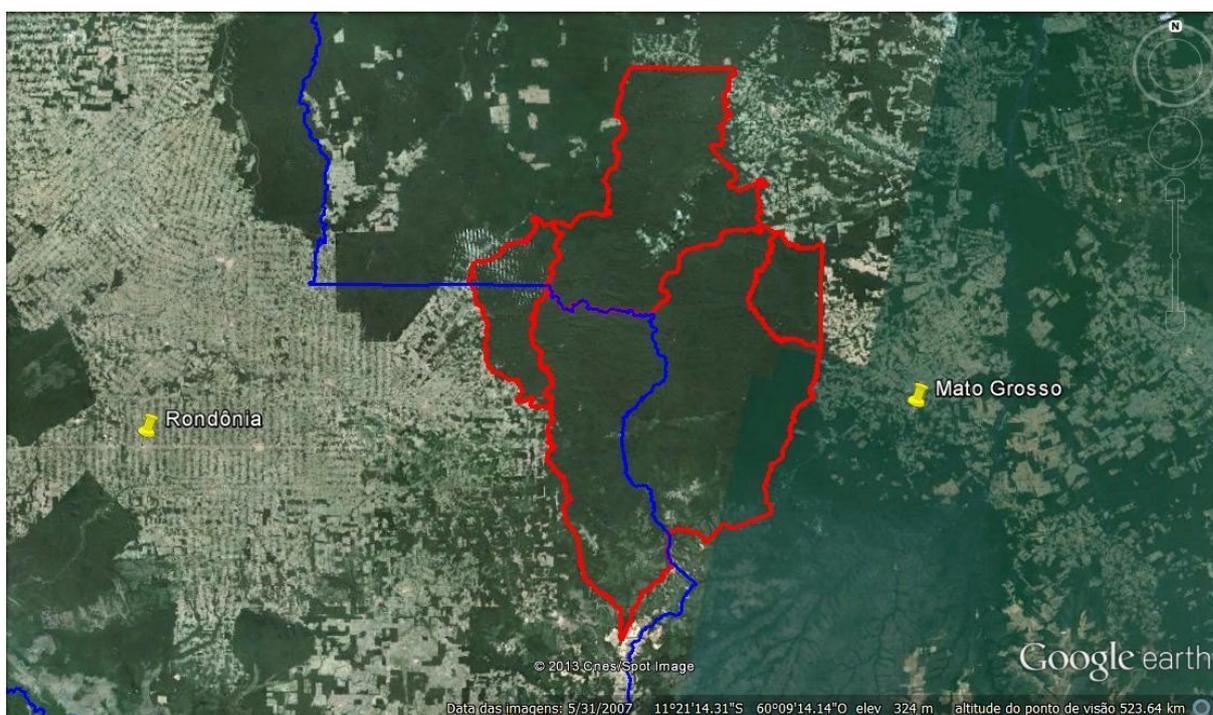


Figura 2 - Localização e dimensão da Reserva Cinta Larga
Fonte: WIKIPEDIA (2015, sp).

Conforme a Fig. 2 está localizado no sudoeste da Amazônia brasileira, compreendendo parte dos Estados de Rondônia e Mato Grosso, o território tradicional desse grupo se estende a partir das imediações da margem esquerda do rio Juruena, junto ao rio Vermelho, até a altura das cabeceiras do rio Juína Mirim; das cabeceiras do Rio Aripuanã até o salto de Dardanelos; nas cabeceiras do rio

Tenente Marques e Capitão Cardoso e as cercanias dos rios Eugênia, Amarelo, Amarelinho, Guariba, Branco do Aripuanã e Roosevelt. Habitam as terras indígenas Roosevelt, Serra Morena, Parque Aripuanã e Aripuanã, todas homologadas, somando um total de 2,7 milhões de hectares.

A população está distribuída em três grandes agrupamentos. Bem ao sul, nas redondezas dos rios Tenente Marques e Eugênia, estão as aldeias do *Paábiey* (“os de cima”), ou *Obiey* (“das cabeceiras”). Próximos à confluência do Capitão Cardoso com o Roosevelt moram os *Pabirey* (“os do meio”). E, pouco mais ao norte, nos rios Vermelho, Amarelo e Branco, localizam-se os *Paepiey* (“os de baixo”). (DAL POZ, 1991, p. 32).

Os Cinta Largas, têm a sua distribuição espacial tomando como eixo a direção em que correm as águas dos rios Aripuanã e Roosevelt, que, neste trecho, seguem quase paralelos do sul ao norte. Para isso, empregam as categorias alto/médio/baixo, que regem um espaço orientado em declive, distinguindo os agrupamentos, uns em relação aos outros, de acordo com a posição geográfica que ocupam. (DAL POZ, 1991, p. 32).

Em 1969 a população Cinta Larga foi estimada em cerca de 2.000 pessoas. Em 1981 seu número não ultrapassava 500 indivíduos, numa estimativa otimista. A partir daí a população voltou a crescer, atingindo a casa dos 1.032 indivíduos em 2001 e, em 2003, estimava-se que este número fosse por volta de 1.300 indivíduos. (SIASI, 2012).

2.2.1 Organização Social

Os grupos Cinta Largas são *Mân* (com várias subdivisões), *Kakín* (com subdivisões) e *Kabân* (sem subdivisões). É provável que, anteriormente, houvesse maior nitidez na distribuição demográfica destas divisões: Os *Kabânao* norte, na região dos rios Branca e Vermelha, os *Mâmderey* no meio, e os *Mâmjiwáp* nas cabeceiras dos rios Tenente Marques e Eugênia. Após a instalação dos postos da Funai foram feitos sucessivos remanejamentos mudando a ocupação espacial desses grupos. (SIASI, 2012).

A família é a unidade significativa da organização social Cinta Larga e praticamente todas tem grande liberdade para movimentar-se de uma aldeia para outra. Um homem, na maioria das vezes pode possuir de uma a dez mulheres e os filhos e filhas desenvolvem as atividades complementares necessárias para a vida cotidiana. As aldeias maiores têm uma ou duas casas grandes e comportavam na área de três a cinco famílias: o dono da casa, suas esposas, seus filhos casados ou solteiros, filhas solteiras e noras, talvez seus irmãos e famílias, às vezes suas filhas casadas e genros. (DAL POZ, 2003).

Fundada assim, por um homem disposto a ter sua própria *záp* - o termo designa simultaneamente o local e a construção -, a aldeia se mantém enquanto perduram as condições ecológicas e políticas necessárias: abundância de caça, faixas de terras férteis nas proximidades, boas relações com as aldeias vizinhas. Arruinando-se estas condições, as mudanças de local acontecem em intervalos de cinco anos ou pouco mais. (DAL POZ, 2003).

A relação de descendência entre pai e filho, portanto, parece oferecer a base para a coesão de uma aldeia Cinta -Larga - a escolha é evidentemente patrilocal, embora condicionada a injunções de natureza política. Costumam os filhos homens, com suas esposas e filhos, morarem juntos às vezes até a morte do pai, quando então se separam para fundarem suas próprias aldeias. Estas, porém, mantêm uma relativa proximidade geográfica, em média de 10 a 15 quilômetros uma das outras, e seus membros costumam visitar-se com bastante frequência, a passeio ou para outros intercâmbios. (DAL POZ, 2003).

Tradicionalmente, sobretudo, antes dos contatos com a FUNAI, o povo Cinta Larga habitavam em uma ou duas casas que abrigavam uma linhagem patrilinear. Com a intensificação dos contatos com agentes da sociedade nacional, passaram a construir aldeias com casas que abrigam uma família nuclear de diferentes linhagens; ou seja, de diferentes famílias; descendência diferente; famílias formadas a partir de diferentes uniões. (DAL POZ, 2003).

Esses movimentos de concentração e dispersão, ordenação e reordenação são regulados, em parte, pelas relações de parentesco; ciclos ligados a caça e colheita; atritos e desavenças políticas; além do contato entre índios e sociedade nacional. (DAL POZ, 2003).

A situação após o contato com a FUNAI tornou ainda mais instável o equilíbrio das relações políticas, devido principalmente à aglutinação das casas de famílias nucleares em torno dos postos, juntamente com a difícil relação dos Cinta Larga com as cidades da região, e os invasores do território - como as madeiras, garimpeiros e outros intrusos -, com os quais muitas vezes o grupo mantém relações de troca. Por vezes, dependendo da situação, a mulher também é utilizada como mercadoria de troca, possibilitando a convivência pacífica entre os povos. (DAL POZ, 2003).

2.2.2 Poligamia

A poligamia é o “sistema em que um homem tem mais de uma esposa ao mesmo tempo, ou, menos comumente, a um sistema em que uma mulher tem mais de um marido concomitantemente” (AURELIO, 2015). Esse sistema é largamente praticado pelos Cinta Largas, em arranjos variados, em geral as esposas distanciam-se em idade, quando meninas adolescentes são incorporadas à família como segunda ou terceira esposa.

A estratégia matrimonial contempla várias formas e alternativas para realizar-se. O relacionamento entre os sexos, a despeito destes fatos, longe está de um processo aleatório, ao contrário, é resultado do jogo de interesses e poder reservado aos homens. (DAL POZ, 2003).

Como corolário, é o chamado roubo de mulher, isto é, o envolvimento e posterior fuga com alguém de uma outra comunidade, do povo Cinta Larga ou não, sem o consentimento do pai, irmão ou marido, que vem transtornar a vida da comunidade, pois coloca em questão a autoridade masculina, e muitas vezes leva à guerra. Roubo este provocado por outro homem, o que não dá direito algum de a mulher se manifestar em relação aos seus sentimentos, torna-se totalmente passiva e submissa. (DAL POZ, 2003).

As mulheres são, declaradamente, o pretexto ou pivô de quase todos os conflitos. Mas, estes se resolvem enquanto confrontos entre homens, percebidos que são como disputas de interesses de grupos comandados por homens. E, neste sentido, trocar mulheres pode ser o início de uma convivência pacífica entre grupos.

Assim como outras mercadorias são trocadas, a mulher passa a ser também uma mercadoria de troca, sendo subjugada a qualquer decisão, sem ter voz ativa para qualquer rejeição. As mulheres são tidas como objetos que podem simplesmente serem repassados a qualquer homem ou povo, como forma de pagamento ou gratidão. (DAL POZ, 2003).

2.2.3 Socialização

Sabe-se que o nascimento de uma criança inaugura um tempo forte, marcado, para o casal e a família: traz inúmeros riscos, exigindo cuidados de toda ordem. No caso da etnia Cinta Larga, explica-se porque está em questão, a separação entre homens e animais, ou seja, a criança precisa de um período consagrado a moldar o ser social da criança, o que não acontece com os animais. É submetida a banhos de ervas, massagens e rezas, dão-lhe um nome e conversam constantemente com os recém-nascidos. Quanto ao resguardo alimentar, trata-se de equacionar uma relação unívoca, necessária para identificar a criança enquanto membro da sociedade. (DAL POZ, 2003).

O processo de formação dos indivíduos tem como direção dominante a constituição da personalidade independente, autossuficiente. Até três ou quatro anos a criança é companheira inseparável da mãe. Quando já se movimenta e fala com desenvoltura, se-junta a pequenos bandos que imitam os adultos na coleta de frutos, na captura de pequenos animais e peixes. (DAL POZ, 2003).

O resultado é a formação de uma postura desenvolta e algo turbulenta, que mantém ativa a disposição de reagir a qualquer fato do seu desagrado. É no jovem por volta dos 16 anos que essa postura melhor se expressa. Destemido, o jovem Cinta Larga parece não aceitar limitação, imposição ou ordens de ninguém. Sabe pedir o que quer diretamente, sem rodeios, e nenhum é bajulador ou servil. Pouco a pouco meninas e meninos dominam as técnicas de trabalho relativas ao seu sexo, preparando-se para a vida pública. (DAL POZ, 2003).

O estilo de vida caçador dos Cinta Largas pode ser visto na própria infância. Desde pequenos, os meninos andam por todo o lugar carregando seus barquinhos e flechinhas, quase sempre perseguindo calangos e borboletas. Maiores passam a

acompanhar seus pais nas caçadas, e na adolescência vão caçar com seus companheiros, colaborando aos poucos para a alimentação da família.

O menino, à medida que passa a ter sucesso nas caçadas que realiza em companhia de adultos e, antigamente, quando participava com sucesso de incursões guerreiras, passa a compor suas próprias canções que relatam seu êxito.

Finalmente quando o homem se casa com a filha de sua irmã, fazendo o ingresso definitivo na vida adulta, a passagem é marcada pela cerimônia de entrega de presentes rituais (flechas ricamente adornadas) ao sogro, e pelo compromisso de cuidar e tratar bem da esposa que é recitado num diálogo discursivo que tem com o pai da noiva e os pais classificatórios da noiva. (DAL POZ, 2003).

As meninas por sua vez aprendem e desenvolvem todas as tarefas domésticas, sempre sob as ordens do pai. Ao iniciar a sua primeira menstruação, essa fica deitada em sua rede, até a mãe ser avisada e vir até ela. A menina é terminantemente proibida de sair aos arredores da aldeia, devendo ficar reclusa em sua casa até terminar o período da menstruação. Entretanto, toda a sociedade também fica sabendo da iniciação da menina, pelo fato de o soprador soprar todas as casas da aldeia. Assim, todos ficam sabendo que há uma menina sendo iniciada no ritual da sexualidade. Sem opção de escolha é entregue ao noivo prometido, a quem deve respeito e total submissão. (DAL POZ, 2003).

2.2.4 Divisão do Trabalho

Se não estão cozinhando ou colhendo nas roças, as mulheres absorvem-se, incansáveis, nas tarefas artesanais. Pode-se, a todo o momento, vê-las no pátio ou dentro de casa fiando algodão, quebrando coquinhos ou tecendo cestinhas de palha. Confeccionam os seguintes itens: redes de dormir (*iñi*), braçadeiras (*nepóáp*) e pulseiras (*arapéáp*), tipóias para bebês, colares de conta (*bak'riñ*), colares de cipó (*amoíp*), cintas femininas (*xiripót*), cestos (*adó*), cestas (*datía*). As painéis de cerâmica (*bosáp*) foram, rapidamente, substituídas pelas de alumínio, não sendo mais fabricadas. (SESC-SP, 2007).

Já o trabalho masculino caracteriza-se pela descontinuidade, os esforços intensos na caça ou na roça são entremeados de horas ou dias de descanso. Em casa, dormem nas redes, comem ou bebem chicha e fabricam cocares, flautas, adornos labiais, furador, pilão, cocho etc. Mas, visivelmente, são os arcos e as flechas os principais artigos dos homens. (SESC-SP, 2007).

Os artigos de uso pessoal, a quantidade de flechas de uma aldeia está também entre as preocupações de um *zápiway*. Convocar seus companheiros para *jápâga* (fazer flecha), reunindo-se com ele na oficina, dispor de apetrechos (taquaras, penas, fios, cera), colocando-os à disposição dos demais, supervisionar o trabalho e inspecionar a qualidade das flechas, é formas de estimular sua produção. Outras são as expedições para buscar taquaras, em trechos de cerrados dentro ou fora das suas áreas. Em particular, a festa seria uma ocasião para formar um estoque de flechas, e neste sentido um dos motivos, ao lado de outros, para um *zápiway* promovê-las. (SESC-SP, 2007).

A partir de 1980 começam a fazer a extração da borracha e coleta de castanhas visando a comercialização. O isolamento da área, dificuldades de transporte e a pequena escala da produção propiciam um retorno monetário pouco significativo. (SESC-SP, 2007).

As atividades masculinas são a caça, a derrubada das árvores e o preparo da terra para o cultivo, a confecção de arcos, flechas, flautas, adornos plumários, extração de borracha, pesca, construção da casa e limpeza do mato próximo à aldeia. (SESC-SP, 2007).

As mulheres coletam, fiam algodão e fibra de tucum, fazem redes, cerâmica, cuidam da colheita das roças, da alimentação diária, produzem colares e pulseiras. E, como foi dito, homens e mulheres coletam mel, castanha e trabalham no plantio das roças. (SESC-SP, 2007).

2.2.5 Cultura Material

O artesanato indígena inclui confecção de cestos, arcos, flechas, colares de coco de tucum, pulseiras também de coco e de dente de macaco, enfeites plumários

para a cabeça e braços, redes de dormir, adornos de palha ou de pele de onça, flautas, pilão, fuso, furadores, adorno de resina para o lábio e outros ornamentos menores.

Segundo a revista Culturas Indígenas (SESC-SP, 2007), para a guerra, os Cinta Largas pintam-se de jenipapo (*wésoa*), com motivos animais ou vegetais e, em tempos passados, cortavam os cabelos muito rentes. Usavam seus cocares de penas de gavião (*katpé*), grossos colares de contas (*bak'ri*) no pescoço e cruzados no peito (*nakósapíap*) e as cintas típicas (*zalâpíáp*), confeccionadas de entrecasca da árvore tauari (*wébép*). Enfeitavam-se ainda com palhas de buriti (*wébay*) enroladas nos braços e nas pernas. Suas armas são o arco e flechas e o tacape, utilizados em situações específicas. (SESC-SP, 2007).

Os arcos (*matpé*), de seção oval, medem cerca de dois metros e são fabricados do caule da pupunheira (*jobát*). As flechas (*jáp*), em média com 1,80 metros, consistem de uma haste de taquara onde se encaixa uma ponta com formato de faca, de um tipo de taboca, e, na extremidade inferior, aletas de penas de gavião ou mutum. (SESC-SP, 2007).

Os arcos são resistentes e exigem do arqueiro treino e força física. Há flechas de vários tipos, para aves, macacos, animais de grande porte e pesca, mas sempre elaboradas caprichosamente.

Algumas, com parte da haste feita de madeira (*ipép*), dentada e adornadas com trançados de pêlos de caitetu (*jápsík*), com padrões losangulares. O tacape (*sóká*) é semelhante a uma espada curta, com um metro de comprimento, de cerne de madeira muito dura, preta ou vermelha, e o cabo ornamentado com penas vermelhas e amarelas. (SESC-SP, 2007).

O tacape, substituído hoje pelo terçado (facão), servia para as investidas repentinas ou dissimuladas. Se, por acaso, discutiam com um visitante (*akwesotá-falar ruim, dizem os Cinta-Largas*) devido ao ciúme de mulher, ou outro motivo, e resolviam matá-lo, aproximavam-se com o tacape escondido nas costas, e quando a oportunidade surgia, batiam na nuca do adversário e, ao cair, cravaram-no em seu peito. Este gênero de homicídio era muito frequente, originando hostilidades constantes entre os vários grupos. (SESC-SP, 2007).

Ainda dentre as técnicas guerreiras, os Cinta Largas têm alguns venenos para passar nos olhos dos contrários, cegando-os temporariamente. *Mórat* é o termo geral para classificá-los, assim como são denominados os remédios para caça. Destes *mórat* para guerra, é possível destacar *obébésirík* (couro de porco) e *owásakoroyáp* (“ventre de anta”), ambos extraídos de casca de árvores. (SESC-SP, 2007).

Conhecem também outros venenos (*pósot*- coisa ruim) poderosos, que podem ser adicionados à comida de seus desafetos, provocando-lhes a morte. Esta técnica, todavia, é praticamente restrita ao uso entre os comensais, os que partilham um mesmo espaço social. E mais, é uma forma de homicídio associada às mulheres, não apenas em razão de uma metonímia alimentar, também por tratar-se do único recurso mortífero a que elas têm acesso - e de que se serve para eliminar rivais ou cônjuges indesejados -, ainda que não lhes seja exclusivo. (SESC-SP, 2007).

2.3 GÊNERO

Segundo o dicionário *on line* gênero se refere a: “Propriedade de algumas classes de palavras, notadamente substantivos e adjetivos, que apresentam contrastes de masculino, feminino e por vezes neutro, que podem corresponder a distinções baseadas nas diferenças de sexo”. (AURÉLIO, 2015).

Nesse sentido pode ser entendido como o conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos. Em alguns povos indígenas existe uma diferenciação de gênero bastante marcada nos mais diferentes âmbitos, em outros, algumas modificações já aconteceram diante da transformação da cultura e do maior ou menor contato com outras sociedades. Estas mudanças refletem significativamente nos papéis que vem sendo historicamente atribuídos a homens e mulheres, bem como em toda a organização do grupo.

Para que se possa refletir sobre o tema de gênero na etnia Cinta Larga, Juína/ MT, faz-se necessário compreender como tem sido a participação da mulher num contexto mais amplo dos povos indígenas. Os pesquisadores relatam a histórica invisibilidade da mulher tanto em sua atuação, quanto no contato e diálogo com a sociedade. Segundo Sacchi e Gramkow (2012) pelo fato das mulheres

estarem relegadas a papéis secundários, como cozinheiras nas reuniões, por exemplo. Para Suaréz (1995 *apud* SACCHI e GRAMKOW, 2012, p. 175): “A noção de gênero indica que o sexo enquanto natureza não é determinante do caráter nem do comportamento, visto que estes variam de acordo com as culturas dos distintos povos e épocas”.

As atividades femininas são inferiorizadas ante a valorização das atividades consideradas masculinas como a cultura, a política e a economia. Em estudo histórico comparativo de escala mundial, Stearns (2007 *apud* SACCHI e GRAMKOW, 2012, p. 176) compreende que: “para as mulheres indígenas, a subordinação feminina se intensifica a partir do contato Inter étnico. (...) Informa também que os movimentos migratórios constituem causa importante para a transformação das relações de gênero”.

Por isso, para compreender o espaço das mulheres indígenas faz-se necessário considerar todos os movimentos e iniciativas de articulação destas, sem fazer prejulgamento das ações, o que poderia prejudicar a análise e desconsiderar contextos significativos.

Segundo Junior Barros (2012 *apud* SACCHI e GRAMKOW, 2012, p. 138):

Por isso, e por meio de fatos inegáveis – como a inexistência de mulheres lideranças –, compreende-se que há mais dificuldades impostas a mulheres que a homens para serem parte ativa no meio político. Sendo assim, em se tratando de uma desigualdade sistemática, caberia às mulheres compreenderem a si mesmas como uma categoria capaz de reivindicar direitos e ações específicas.

A conquista de direitos e interesses não se limita apenas ao espaço enquanto esposa e mãe, mas enquanto parte de um grupo em que estabelece relações. Conforme Sacchi e Gramkow (2012, p. 159) “No movimento de mulheres indígenas, o específico não é, necessariamente, suas demandas próprias ao universo feminino, mas sim a formulação da problemática que diz respeito a todos/as da comunidade e/ou do grupo étnico ao qual pertencem”.

No entanto, vale lembrar que cada grupo tem uma cultura própria com situações distintas em cada tempo e em cada contexto. Tomando como referência a visão de Sacchi e Gramkow (2012).

Apesar dos avanços em políticas públicas para os/as indígenas, “o que se constata é que as mulheres são ainda quase que ‘invisíveis’ para o indigenismo brasileiro” (VERDUM et al., 2008, p. 15 *apud* SACCHI e GRAMKOW, 2012, p. 177), existindo ainda dificuldades em obter acessos nas instituições de auxílio. Essa situação se agrava quando a mulher indígena vive na cidade, pois a partir daí, em geral, é considerada como alguém que deixou de ser índio.

Caminhar para uma igualdade de gênero entre povos indígenas, exige implementações de ações coletivas com diferentes olhares buscando os mesmos objetivos.

3 METODOLOGIA

3.1 CARÁTER DE PESQUISA

Este trabalho tem caráter qualitativo pelo fato de valorizar o que já se produziu especificamente a respeito do povo Cinta Larga, seja em produções de livros ou artigos acadêmicos, realizando uma análise não pelo fato de quantidade de informações obtidas, mas a respeito de natureza básica do assunto encontrado. Assim, a pesquisa qualitativa propõe o auxílio de compreensão e análise do objeto estudado (FIGUEIREDO, 2010).

A pesquisa é bibliográfica, tendo como base a consulta em livros e artigos acadêmicos, com o intuito de conhecer e analisar o problema abordado propor análises para o objeto eleito (CERVO, 2002; LIMA, 2008). A pesquisa bibliográfica abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, documentos mimeografados ou fotocopiados, mapas, imagens, manuscritos, etc.

Devido a escassez de material bibliográfico produzido sobre o povo Cinta Larga, foi utilizado como método a revisão descritiva por dar um suporte mais amplo para o pesquisador conseguir expor, interpretar, discutir e realizar uma análise crítica pessoal sobre o assunto que se propôs investigar (CORDEIRO, 2007; SISTEMA, 2014; ROTHER, 2007).

3.2 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Foi realizado o procedimento técnico de pesquisa tendo como base a bibliográfica, na busca de artigos científicos e livros na Língua Portuguesa por meio de bancos de dados acadêmicos, em consultas dos sites da BVS Psicologia, PEPSIC, LILACS, SCIELO, Google Acadêmico e livros intencionalmente escolhidos devido, sobretudo, à escassez de material sobre essa etnia indígena.

3.3 INFORMAÇÕES DE DADOS

Ao iniciar a busca de livros e artigos científicos referentes ao povo Cinta Larga foi possível encontrar apenas dois livros impressos e um on-line, os quais tratam do primeiro contato oficial realizado pelos padres da Missão Jesuíta, a escrita do povo Cinta Larga e como aprenderam a Língua Portuguesa sem uma escola e sobre a saúde, especificamente as infecciosas que ocorreram por um tempo nesse povo, respectivamente.

Segue abaixo no quadro, a relação dos materiais encontrados disponíveis:

Quadro 1 - Dados disponíveis sobre o povo Cinta Larga em livros e sites artigos acadêmicos

	Natureza	Tema	Fonte	Título	Ano	Autor	Breve Resumo
1	Artigo	Cultura Indígena	Revista Cultura Indígena	Cultura indígena brasileira	2008	SESCSP	Este artigo traça um relato histórico, demográfico da população indígena Cinta Larga.
2	Artigo	Povos indígenas	Sítio povos indígenas do Brasil	Povos indígenas no Brasil	2003	João Dal Poz e Carmem Junqueira	Traça a identificação do povo, língua e população, bem como sua organização social.
3	Artigo	Sexualidade brasileira	Monografia	O Referente da Identidade Homossexual	1996	Jurandir F. Costa	O artigo trata do processo da identidade sexual do ser humano, com especificidade da sexualidade do povo brasileiro, com alguns enfoque de tribos tradicionais.
4	Artigo	Contextualização geral dos povos indígenas da região noroeste do Mato Grosso	SITIO IBGE	Características gerais dos indígenas	2010	IBGE	Este trata da contextualização geral dos povos indígenas da região noroeste do Mato Grosso.
5	Anais Congresso Indígena Brasileiro	Desigualdade da mulher indígenas	SEDUC\MT	Conferencia Ameríndia de educação	1998	Darci Secchi	Trata este artigo do contexto da desigualdade da mulher indígena no processo da educação e social.
6	Artigo/SIASI	Política de saúde dos povos indígenas	SciELO	Caderno de saúde Pública	2012	Maria Conceição Souza e Outros	Este procede análise caracterizando estrutura, criação e funcionamento das políticas de saúde dos povos indígenas.
7	Artigo	Escrita indígena	Livro	Os Índios – Cintas Largas	1982	Richard Chapelle	O livro traça característica histórica dos povos Cinta Largas, por meio de

							expedição realizada relatando contexto da pré história até encontro com outros povos.
8	Artigo	Escrita indígena	Livro	História do Brasil	Não consta	Jose Carvalho e Silva	O livro relata a história do Brasil e a história de liberdade de diversos povos que o habitam.
9	Artigo	Escrita indígena	Livro Online	Gênero e Povos Indígenas	2010	Angela Sachi	O artigo focaliza a discussão do processo de desigualdade de gênero frente ao Estado democrático de direito, focalizando o processo da invisibilidade da mulher nas relações de poder.
10	Artigo	Estado e Desenvolvimento	SciELO	Gênero e desigualdade social	2011	Sueli Giã Pacheco do Amaral	O artigo focaliza o Estado, Desenvolvimento e crise de capital, numa perspectiva analítica de representação social fundamentada em processos de desigualdade de gênero.

Fonte: da pesquisa 2015.

Já no Google Acadêmico e SciELO, artigos acadêmicos foram encontrados que tratavam sobre territorialidade, organização social, saúde com relação à doença infecciosa como a *Toxoplasma gondii*, gênero com relação aos ritos de iniciação e analogismo.

3.4 PROCEDIMENTOS

Foi feita uma busca no Google acadêmico, no SciELO e no BVS-Psi a partir das seguintes palavras-chave: Povo Cinta Larga, Relações de Gênero.

Ao iniciar a busca de livros e artigos científicos referentes ao povo Cinta Larga, foi possível encontrar apenas três livros impressos e um online, os quais tratam da história dos índios no Brasil, dos povos Cinta Largas e desigualdade de gênero.

Já no Google Acadêmico e SciELO os artigos acadêmicos que foram encontrados tratavam sobre territorialidade, organização social, gênero com relação aos ritos de iniciação e analogismo.

3.5 DESCRIÇÃO GERAL DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS

Foram analisados todos os dados disponíveis especificamente sobre o povo Cinta Larga em livros e demais materiais como artigos acadêmicos apresentados, para evidenciar de forma sucinta o que cada autor propôs informar em cada material produzido sobre o povo Cinta Larga.

3.6 LIMITAÇÃO DA PESQUISA

Entre as limitações encontradas, destacamos que:

- 1) Há pouco material acadêmico produzido sobre o povo Cinta Larga principalmente no que se refere à categoria gênero;
- 2) Todos os trabalhos acadêmicos analisados foram produzidos por autores não indígenas;
- 3) A presente pesquisa também foi produzida sob o olhar de uma pesquisadora não indígena;
- 4) Por circunstâncias alheias à vontade da pesquisadora, não foi possível realizar a pesquisa a campo.

4 ANÁLISE E RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos materiais acadêmicos disponíveis sobre o povo Cinta Larga, foram encontrados alguns indícios relevantes de desigualdade de gênero, quais sejam: diferentes rituais para a iniciação de meninos e meninas; a mulher é vista como uma mercadoria: não tem direito de expor seus sentimentos e de tomar decisões autônomas; a mulher é o pretexto ou pivô da guerra ou da paz; e, por fim, o domínio diferenciado da Língua Portuguesa.

Um dos rituais que chama a atenção é a iniciação à vida adulta. No ritual de iniciação dos meninos para se tornarem adultos, uma parte do ritual é realizado em sua casa, a outra é realizada na casa de flautas (local terminantemente vedado às mulheres) localizada no centro do pátio da aldeia, o evento é decorre com gritos, brincadeiras e comentários engraçados, uma verdadeira festa (alegria contagiante), mas somente o menino que está sendo iniciado deve permanecer sério o tempo todo em que estiver sendo realizado o ritual (SILVA, 2001). É como se o menino devesse demonstrar respeito, honra e seriedade para com os homens mais velhos presentes na ocasião.

No ritual de iniciação dos meninos, então, o evento descrito se parece com uma festa, mas na iniciação das meninas, é diferente. Ao iniciar a sua primeira menstruação, essa fica deitada em sua rede, até a mãe ser avisada e vir até ela. A menina é terminantemente proibida de sair aos arredores da aldeia, devendo ficar reclusa em sua casa até terminar o período da menstruação (SILVA, 2001). Entretanto, toda a sociedade também fica sabendo da iniciação da menina, pelo fato de o soprador soprar todas as casas da aldeia. Assim, todos ficam sabendo que há uma menina sendo iniciada no ritual da sexualidade (SILVA, 2001).

Assim, percebe-se uma exposição da particularidade da mulher a todo o grupo, colocando-a submissa a todos, principalmente aos homens. A desigualdade social entre os gêneros surge com o advento do patriarcado que atribuiu ao público masculino poder em relação ao feminino, expresso em dominação exploração dos homens em relação as mulheres. (SAFFIOTI, 2004).

O chamado corolário, é o nome dado ao roubo de uma mulher. O envolvimento e posterior fuga com alguém de uma outra comunidade, do povo Cinta

Larga ou não, sem o consentimento do pai, irmão ou marido, que vem transtornar a vida da comunidade, pois coloca em questão a autoridade masculina, e muitas vezes leva à guerra. A mulher é tida, portanto, como uma mercadoria, que pode simplesmente ser levada para onde e por quem quiser. Ela não tem o direito de manifestar-se quanto aos sentimentos em relação ao homem, ou posicionar-se contrária a decisão deste.

Nesta situação, as mulheres passam a ser o pretexto ou pivô de quase todas os conflitos ou situação de paz. Os conflitos são resolvidos enquanto confrontos entre homens, percebidos que são como disputas de interesses de grupos comandados por homens. E, trocar mulheres pode ser o início de uma convivência pacífica entre grupos. Agindo desta forma, fica evidente o poder que o homem tem sobre as mulheres e que estas são totalmente submissas a estes.

Nesse contexto, pode-se afirmar que as mulheres são colocadas numa circunstância de passividade e de sujeição, enquanto os homens são construídos como protagonistas dos ritos e dos contextos públicos, de modo a, inclusive, lançar mão das mulheres como instrumento para promover a paz e a guerra, uma vez que estas estão no rol de propriedades masculinas.

A construção das identidades das mulheres indígenas as colocam na posição de ter que preservar os valores tradicionais e afirmar sua tradição étnica, ao mesmo tempo em que têm de lutar contra as desigualdades específicas de seu gênero. (SACCHI e GRAMKOW, 2012, p.19). O povo Cinta Larga, hoje já vive socialmente misturado com outros povos que não da etnia. Muitas famílias já desagregaram da aldeia e estão morando na cidade, mas permanece ainda o laço de sangue, das quais ainda se restringe a cultura dominada. Mesmo morando na cidade as mulheres não exercem atividades laborativas fora do lar, dependendo exclusivamente da renda advinda do esposo.

Sendo assim, nota-se uma continuidade dos modos de vida indígena na cidade, experimentada nas relações com a comunidade de origem, fazendo com que o modo de viver na cidade não implique no desaparecimento de suas identidades indígenas, podendo mesmo haver uma valorização e reafirmação de tais identidades. (SACCHI e GRAMKOW, 2012, p.19).

Há entre o povo uma originalidade ainda na língua. A segunda língua utilizada por esse povo é a língua portuguesa, sendo que ainda na sua maioria é dominada exclusivamente por homens, desde a puberdade até a idade adulta. Conseqüentemente, o homem faz todo o contato e a mediação com o mundo externo à aldeia, enquanto raramente é possível encontrar mulheres desacompanhadas na cidade.

As mulheres desacompanhadas do esposo na cidade, são vistas com filhos que na sua maioria os acompanha, não se vê mulher indígena andando sozinha. Quando elas estão na cidade, estão sempre acompanhadas por algum homem. Assim, o homem tem o total controle e trânsito social, tudo o que as mulheres sabem a respeito de outros povos é por meio de relatos dos homens. É visível na história a colocação de papéis de poder desempenhado no mito contado de geração a geração para assegurar o controle social que o homem exerce nesse povo (SILVA, 2001).

Porém, as pessoas estão em constante transformação até o fim de suas vidas, isso significa que nada é permanente para todo o sempre. O que acaba acontecendo em dados momentos é que uns aceitam a normas já estabelecidas e outros não, pois a partir do contato com novas ideias, podem vir a ressignificar os próprios conceitos, causando um choque ou perda de cultura.

Foi possível fazer uma comparação de desigualdade de gênero, uma estrutura de papéis parecida com o sistema desenvolvido por povos tradicionais como a mulher Guarani/ Kaiowá, “[...] revela uma tendência para assumir o papel de guardiã da cultura, permanecendo na reserva” enquanto os homens desse povo vão à cidade em busca de emprego e sobrevivência (GRUBITS, 2003, p. 369).

As semelhanças do papel de ser mãe são muito parecidas com as funções que as mulheres desempenham na vida social do povo não índio, onde a mulher tem o papel de cuidar de cozinhar, da colheita e processamento do alimento, mantenedora da língua materna, restrita possivelmente em participar das expedições de pesca, pois ficaria até meses fora da aldeia. Já o homem pode tanto ficar na aldeia quanto sair para as expedições e ir à cidade (SILVA, 2001).

Diante destas evidências, percebe-se que o protagonismo masculino exercido pelo homem de comunidades indígenas, especificamente do povo Cinta Larga,

Juína/ MT, mantém um grande poder de desigualdade entre os gêneros e a reiterada ausência e silenciamento da presença feminina nos contextos sociais cujo trânsito é, em grande medida, tutelado pelos homens, demonstra a invisibilidade feminina em meio ao povo Cinta Larga.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto estudado se pode assinalar que há uma relação de desigualdade de gênero, por homens terem um livre acesso tanto no que diz respeito à esfera pública quanto ao âmbito privado. A aldeia é o ambiente privado, as mulheres devem permanecer neste local, mas da esfera pública, somente os homens participam.

Permanentemente assinalado em todo contexto o processo de desigualdade social instituído desde a construção das casas. Pelo fato do centro da aldeia ser um lugar caracterizado como o encontro das reuniões de homens, pois bem podem as mulheres participar de algumas reuniões, mas essas não podem demonstrar nenhum tipo de interferência no assunto tratado.

O cerceamento de liberdade de trânsito feminino e o fato de estas mulheres não poderem tomar decisões, evidenciam controle social que os homens exercem sobre elas.

O ofício do profissional de psicologia com a população indígena é de grande valia e necessária, atuando diretamente na aldeia junto com a equipe multidisciplinar. Porém, é imprescindível que o psicólogo pesquise e aprenda sobre os valores, costumes, interesses e cultura do povo com o qual vai interagir, para depois oferecer um atendimento seguro.

Esta pesquisa poderá auxiliar principalmente na reflexão e análise da temática questão de gênero, para os profissionais da área de psicologia; a fim de que com as informações relacionadas ao gênero, sejam respeitadas as diferenciações em relação ao contexto cultural.

Em suma, o trabalho proporcionou uma visão sobre práticas e convenção social do povo Cinta Larga, e como são mantidas relações de desigualdade entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, **Dicionário on line**. 2015. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>> Acesso em: 30 set. 2015.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- CHAPELLE, Richard. **Os índios Cintas-Largas**. Tradução David Jardim Júnior. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia ; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.
- CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Glória Maria de. RENTERÍA, Juan Miguel de. **Revisão sistemática**: Uma revisão narrativa. Rev.Col.Bras. Cir. 2007; 34 (6). Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rcbc/v34n6/11.pdf> > Acesso em: 30 set. 2015.
- DAL POZ, João Neto. **No país dos Cinta Larga**: Uma etnologia do ritual. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.São Paulo. 1991.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus Municípios**. Editora Buriti, 2001.
- FIGUEIREDO, Antônio Macena de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses**: da redação científica à apresentação do texto final. 3 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.
- GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan. **Ambiente, identidade e cultura**: reflexões sobre comunidades Guarani/Kaiowá e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul. Psicol. Soc. vol.15 no. 1 Belo Horizonte Jan./June 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000100010>. Acesso em: 28 set. 2015.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010, Características gerais dos indígenas, Resultados do universo**. Censo Demográfico, p. 1-245. Rio de Janeiro, 2010.
- LIMA, Manolita Correia. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica. 2 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Saraiva, 2008.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão Sistemática X Revisão Narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, vol. 20, núm. 2, abril-junio, 2007, pp. v-vi. Escola Paulista de Enfermagem São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307026613004>> Acesso em: 24 set. 2015.

SACCHI, Ângela; GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.). **Gênero e povos indígenas**: coletânea de textos produzidos para o “Fazendo Gênero 9” e para a “27ª Reunião Brasileira de Antropologia”. - Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ / FUNAI, 2012. Disponível em: <<http://wikindigena.org/images/temp/1/13/20131106185955!phpyS50p1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2015.

SAFFIOTI, Iara Bongiovani Heleieth. **Diferença ou indiferença**: gênero, raça/etnia, classe social. In GODINHO, Tatau e SILVEIRA, Maria Lúcia da. Políticas públicas e igualdade de gênero. São Paulo, 2003.

SAFFIOTI, Iara Bongiovani Heleieth. **Gênero**, patriarcado, violência. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.

SESC-SP. Vários colaboradores. **Prêmio culturas indígenas**. São Paulo: SESC. 2007.

SIASI. Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena. 2012

SILVA, Márcio. Relações de gênero entre os Enawene Nawe. **Revista Tellus**, ano 1, nº 1, p. 41-66. Campo Grande-MS, 2001. Disponível em: <<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/4/4>> Acesso em: 28 set. 2015.

SISTEMA EINSTEIN INTEGRADO DE BIBLIOTECAS. **Manual de normalização para trabalhos acadêmicos**. 2014. 48 p., il. Disponível em: <<http://www.einstein.br/Ensino/Biblioteca/Documents/manual-de-normalizacao-paratrabalhos-academicos-versao-atualizada-2014.pdf>> Acesso em: 28 set. 2015.

SUAREZ, Mireya. Enfoques feministas e antropologia. Série Antropológica, n. 177, 1995. In: SACCHI, Ângela; GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.). **Gênero e povos indígenas**: coletânea de textos produzidos para o “Fazendo Gênero 9” e para a “27ª Reunião Brasileira de Antropologia”. - Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ / FUNAI, 2012. Disponível em: <<http://wikindigena.org/images/temp/1/13/20131106185955!phpyS50p1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2015.

VERDUM, Renato et al. (Orgs.). Mulheres indígenas, direitos e políticas públicas. Brasília: INESC, 2008. In: SACCHI, Ângela; GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.).

Gênero e povos indígenas: coletânea de textos produzidos para o “Fazendo Gênero 9” e para a “27ª Reunião Brasileira de Antropologia”. - Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ / FUNAI, 2012. Disponível em: <<http://wikindigena.org/images/temp/1/13/20131106185955!phpyS50p1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2015.

WIKIPEDIA. 2015. **Juína**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADna>>. Acesso em: 28 set. 2015